

A «SEARA NOVA»

UM CASO DE FELONIA

Os falsos apóstolos—Justificada simpatia—Conspiradores e políticos

::: —A gorgeta... —«Vanitas vanitatum!» —Rua! —Nada se salva :::

E SSE caso da «Seara Nova», que andou, veladamente, debatido nas colunas dos cotidianos, é um triste sintoma da corrupção dominante, que já atinge os caracteres os melhor temperados por uma cultura e um habito de pensar apreciáveis.

Quando surgiu, o «Grupo Seara Nova» dava a ilusão de vir preencher um lugar ha muito vago. Talvez desde o tempo do formidável Antero. Os nomes que constituíam eram os de homens com responsabilidades no meio intelectual, e alguns com um passado de afirmações, que os tornava simpáticos aos adeptos das mais avançadas ideologias sociais. A «Seara Nova» no simbolismo da sua designação e do doutrinarismo de alguns dos seus corifeus, lembrava-nos um pouco esse grupo Clarté, que reúne na França o escol dos intelectuais avançados. Para mais, publicava o grupo uma revista de ideias, que embora não primasse pela pureza delas, representava um esforço inteligente e vinha enfileirar no bom combate contra a reacção na politica, contra a corrupção nos costumes, contra o maneirismo na arte.

E por todo este vasto arraial dos que trabalham e pensam se abateram as armas, numa audação ao novo combatente. E' que se sentia ser ele a ponte, o traço de união, entre o mundo dos proletários — o novo, e o velho mundo, da burguesia detentora do saber, da riqueza e do poderio. Recordaram-se os enciclopedistas, de ha quasi dois seculos, os intelectuais e estudantes russos, de ontem.

E' certo que o grupo e o seu órgão aparentavam defender a fórmula republicana. Compreendia-se, porém, a attitude. Não convinha ás suas figuras mais representativas declarar-se em guerra aberta contra as instituições dominantes. E' que quasi todas essas individualidades desempenhavam funções publicas e inglório seria, quicá, o sacrificio que delas fizessem. Não se compreendia, porém, que homens de espirito despojeado se aferrassem á questão de tal ou tal regime, dos já experimentados e falidos. Além disso republica é designação tão genérica e no seu étimo tão concorde com os principios que defendemos, que o dizer-se a «Seara Nova» republicana não era razão bastante, para condenarmos de ante-mão os seus objectivos e a sua forma de actuar.

E, face ao organismo nascente, entre os elementos avançados tudo quanto não era franca simpatia era, pelo menos, benévola expectativa.

A breve trecho, porém, da sua auspiciosa aparição, o Grupo entrou de se imiscuir nas questões da putrida politica portuguesa.

Extranhámos essa actividade, tam dispare da nobre orientação a principio esboçada. Puzemos de remissa as intenções dos homens da «Seara», ou de alguns dos mais activos, que os outros, certo, só por uma affectividade indolente dariam o seu tácito aplauso a tais traquibernas.

Os da «Seara» começaram a dar que falar de si, a agitar-se, a fazer o auto-reclamo. Ora eram conjurados em intencões ridiculas, ora apareciam denunciando-as, como espiões sem escrupulos. E para tanto editavam manifestos inferiores, porque as coisas inferiores não podem ser senão inferiormente tratadas. Aos documentos da delação succederam-se os programas, longos, fastidiosos, incoerentes, desviados como monólogos de fala-só.

E o Grupo começou a desdobrar-se em conventiculos. Foi «União Civica» e «Homens Livres». Precisava de dar aos outros a ilusão duma força numerica e, como as peças de grande espectáculo, em que é mister muita compararia, saiam por uma porta os da «Seara», para entrar pela outra, disfarçados.

De tanto chafurdar na vasa da politica, os intellectuais, os idealistas, os «homens livres da politica e da financa», receberam a sua gorgeta. Em paga de serviços ainda pouco conhecidos, certo politico deu-lhes um dia de esmola, trez pastas. Puzeram-se a roel-las, orgulhosamente. Anunciaram com retumbancia largas reformas, reorganizações de serviços, orientações novas. Nada fizeram. Nada podiam, nada sabiam fazer.

Um dos contemplados era um homem de pensamento, com a sua vasta cultura e a sua lucidez de ideias já provadas em obras que se leem; outro era um tecnico de questões economicas, considerado; o ultimo era um militar cheio de prestigio entre os da sua classe. Eram inegavelmente valores, individualmente apreciados. Como mentalidade, eles sós, valiam talvez mais que todo o governo que os expulsou do seu seio, do que todo o parlamento que os encheu de vexames.

As suas attitudes irritantes não lhes conciliaram todavia as simpatias nem de gregos nem de troianos. A sua ignorancia das habilidades politicas, pô-los á mercê de todos os «trucs» dos profissionais da politica. Sofreram todas as desconsiderações, todos os desprezos. E só pela «gloria de mandar», pelo prazer de serem tam-

bem ministros, ficaram. Nas chafaricas politicas cobriam-nos de insultos, cara a cara; no Parlamento mofavam deles quando apareciam com as suas resmas de lunaticas propostas. E ficaram.

E ficariam ainda, vergonhosamente, se o politico que lhes dera, por caridade, os cargos, os não exotasse.

Foi preciso gritar-lhes:

—Rua!

Deu-se com os homens da «Seara» um caso unico na vigencia do parlamentarismo em Portugal e cremos que no mundo. Nunca, de memoria de homens, um presidente de conselho despediu assim á má-cara os seus ministros. Quando os pretende alijar sugere-lhes, ao menos, que peçam a demissão. Assim, afrontosamente: — Vão se embora! — nunca!

Que o fizessem embora a outros, aos profissionais da politica, estava certo. E' costume lá, entre eles, as gosseiras formas de tratar. Mas a homens que representam apreciáveis valores mentais neste meio dum intellectualismo tam fruste e onde por isso, tanto se carece vê-los prestigiados, — é sobremodo lamentavel.

Por muito que os agrupados da «Seara Nova» agora, colectivamente, façam, não conseguirão lavar-se desta nódoa de desprezo e de ridiculo. Individualmente valerão o que valer a sua obra, mas o grupo esse liquidou-o a patada dum politico. A «Seara» que já tinha aberto falencia em matéria de principios vê agora malogrados os seus fins. E isto pela força

da ambição que tudo consparca, da vaidade que tudo abastarda.

De certo politico velho se conta que, quando aparecia alguém exteriorizando um excessivo zelo pela coisa publica, alardeando extrema dedicação ao regime, ou apregoando um ardente patriotismo, — perguntava:

— Quanto quere esse homem?!

Hoje, ha que modificar a pergunta, para — o que quere?

Porque tudo lhes serve, aos charlatães que campainhando gritam as virtudes da sua pacotilha. Tudo: primeiramente, dinheiro; mas, á falta dele, qualquer pasta de ministro, tarda de diplomata, comenda de S. Tiago ou retrato nos jornais, tudo é ganho. Ganho para a ambição, ganho para a vaidade. Basta acenar-lhes com um osso, por muito esbrugado que esteja. Abdicam logo dos principios e ás vezes da honra.

Miseravelmente, é assim. E não escapam á fatalidade do ambiente aqueles mesmos que tem o habito de pensar um pouco e de manusear os livros muito.

Toda esta sequencia de acontecimentos nos magoa profundamente. Eles acham bem, e até tambem a mão que os esbofeteia. A nós doe-nos a bofetada e mais — a causa dela. Mas serve-nos de lição o facto. *D'abord la doute*, como queria Descartes, é pouco. A duvida sempre, a duvida constante, pungente, aniquiladora, mas duvida face a todos os que pretendem caçar no nosso terreno. Depois, robustece-se a convicção de que *disto*, do existente — nada se salvará.



Suplemento semanal e ilustrado de

«A BATALHA»
SOCIOLOGIA, ARTE, EDUCAÇÃO, LITERATURA E CRITICA

Condições de assinatura
(Pagamento aiantado)

Portugal, Espanha e ilhas
meses, 6800; 6 meses, 12800;
1 ano, 24800. — Colonias Portuguesas (moeda da metropole):
6 meses, 15800; 1 ano, 30800. —
Brasil: 6 meses, 24800; 1 ano,
31800. — America do Norte: 1
ano, 2 dolares. — Franca e outros
países: 6 meses, 20 francos;
1 ano, 40 francos.



● Um dos maiores insultos para o japonês é a palavra «ilovenkukidojo» que, traduzida, quer dizer: «peixe sem espinha».

Durante umas eleições verificadas, não há muito, no paiz dos denses, um jornal denominado «Nishin Shingishi», referindo-se a certo membro do parlamento japonês, pertencente á opposição, pespegou-lhe a tremenda injuria, o que provocou formidavel escandalo em todo o paiz.

Sentindo-se ofendido com a «amabilidade» do adversário, o deputado processou-o, sendo aquele condemnado a um ano de prisão.

A interpretação que no Japão se empresta a esse termo, é a de «individuo sem caracter».

Aí fica a complicadissima palavra. E quando o leitor quizer mimosear o inimigo com um insulto, é só chamar-lhe: ilovenkukidojo. E' pratico e cómodo...

o trabalho; começa a restituição, do vosso superfluo. Mais nada. O sangue, esse era só vosso apanagio; a dor, a vossa arma de combate; a extorsão, a vossa tactica.

Para nós, não. A Idea, que nos deu longanimidade para suportar os vossos vexames e as vossas prepotencias, ainda nos exalta para que vos perdoemos.

Sêde bem vindos ao seio da Sociedade Nova. Estão ali as ferramentas, alem os campos para arrotear. Vamos que o tempo urge. E' dia claro já e foi longa e penosa esta noite.

O ideal que foi revolta e liberdade, agora é só — trabalho e perfeição.

Ao trabalho!